

## Doença, Sujeito Oculto

KENNETH ROCHEL DE CAMARGO JR.<sup>1</sup>

**THAGARD, P. *How scientists explain disease*. Princeton: Princeton University Press, 1999. 263 p.**

Thagard tem um objetivo explícito no seu livro, expresso pelo título, e pelo menos dois outros em segundo plano: estabelecer a prioridade para as ciências cognitivas na explicação epistemológica e denunciar a inadequação da produção do vasto grupo que ele resume na denominação “pós-moderno”, identificado principalmente pelos representantes mais conhecidos do chamado programa forte da sociologia forte do conhecimento, como David Barnes e Harry Collins, aos quais Thagard adiciona Bruno Latour e Michel Callon. Um grupo heterogêneo que seria mais apropriadamente descrito, do ponto de vista disciplinar e metodológico, como a área de estudos sobre a ciência (*science studies*).

O caso exemplar que Thagard usa como apoio para seu modelo epistemológico é o da entronização, historicamente recente, do *Helicobacter pylori* na função de agente etiológico de úlceras pépticas. A narrativa inicia-se em 1983, data dos primeiros informes sobre a existência de um patógeno em espécimes de mucosa gástrica de indivíduos com diagnóstico de úlcera gástrica – o supracitado *Helicobacter*, desde então apontado como “causa” do quadro mórbido. O último evento dessa narrativa é a realização, já em 1997, de uma conferência de consenso em Ottawa, capital do Canadá, sobre o *Helicobacter*, que nesse curto transcorrer de tempo tornou-se aceito como o “culpado” pelas úlceras.

Em torno deste exemplo histórico, o autor apresenta, em uma sucessão de capítulos didaticamente construídos, sempre encerrados por uma pequena conclusão, suas teses. Em particular, reitera não muito sutilmente duas idéias à exaustão: a perspectiva cognitiva (e somente ela) pode dar conta da descrição e explicação da atividade científica; e é possível a partir deste referencial subsumir mesmo a perspectiva sociológica.

Assim, na primeira parte introduz a ferramenta teórica que utilizará sis-

tematicamente ao longo do livro, o **esquema explanatório** (*explanation schema*), e aplica sequencialmente este dispositivo a vários marcos da história da medicina, da concepção hipocrática à genética molecular, com a obrigatória passagem pela microbiologia.

A segunda parte apresenta o já citado estudo de caso e é seguida de duas seções, onde discute aspectos cognitivos e sociais (mais sobre este ponto à frente) presentes na construção do conhecimento médico. Segue-se um breve capítulo sobre a importância atual da internet nos processos anteriormente descritos. Encerra com um capítulo de conclusão, com o tema da ciência como sistema complexo.

Os objetivos de Thagard, referidos no início deste texto, são extremamente ambiciosos. Antes de discutir seu tema explícito, o da explicação das doenças, cabe um comentário sobre os seus “alvos secundários”. Em primeiro lugar, a tentativa de desqualificar autores como Collins e Latour é caricatural. A denominação “pós-moderno”, ridicularizada sobretudo por Latour no seu ensaio *Jamais fomos modernos* (1994), além de inadequada como descrição, é inadequada como critério de agrupamento.

A leitura, por exemplo, da coletânea organizada por Andrew Pickering no início da década de 90 (Pickering, 1992), mostra o quanto autores como Collins, Barnes e Latour divergem – por vezes acidamente – entre si, discordando em aspectos fundamentais e recusando reiteradamente um rótulo comum que os agrupe como um bloco monolítico.

Mais ainda, Latour, que emerge como verdadeira *bête noire* do texto de Thagard (um total de dez citações no índice onomástico, das maiores frequências num índice em que o próprio Thagard é recordista, com 24), tem suas posições sistematicamente distorcidas, tornando-o mais facilmente criticável.

Por exemplo, na página 14, lê-se que Latour ignora o conteúdo dos artigos científicos como se “(...) tudo o que importasse para o processo do desenvolvimento científico fossem as relações sociais dos cientistas e os papéis que eles movimentam de um lado para o outro”<sup>2</sup>. Essa leitura grosseira de “Vida de laboratório” (Latour e Woolgar, 1997) é desmentida até por um folhear superficial daquele livro, mas a posição de Latour a respeito fica ainda mais clara, por exemplo, vendo-se o ensaio introdutório de *Pandora’s hope* (Latour, 1999), que começa justamente com a estranheza causada naquele autor ao ser perguntado se “acredita na realidade” (por coincidência, num seminário realizado aqui no Brasil).

De modo geral, a leitura de uma coletânea mais recente – como a

organizada por Labinger e Collins (2001), que retrata o diálogo entre pesquisadores da área de estudos sobre a ciência e cientistas das áreas “duras” – mostra o quanto a imagem dos primeiros construída por Thagard é caricatural e em particular o quanto a redução ingênua de sua posição à idéia de que em ciência “tudo é apenas social” é errônea.

No que diz respeito à proeminência dada às ciências cognitivas, seria indiscutível caso fosse colocada como uma opção metodológica possível entre outras. Da forma como o autor situa esse campo disciplinar, contudo, seria necessário, a nosso ver, demonstrar esta superioridade intrínseca, o que seu texto não realiza. Na verdade, é discutível até mesmo a variedade computacional das ciências cognitivas que Thagard adota. Sua discussão sobre racionalidade evita o “inconsciente cognitivo” descrito por Lakoff e Johnson (1999, p. 9-15), também com base nos desenvolvimentos recentes das ciências cognitivas. Suas análises sobre a mudança de conceitos também passam ao largo da rica discussão feita por Lakoff e Johnson acerca dos achados das neurociências sobre os processos de categorização.

Passando ao núcleo substantivo do seu trabalho, percebem-se problemas semelhantes. Sua discussão sobre coerência, por exemplo, se prende à necessidade de apresentar uma definição suficientemente precisa para tornar possível a utilização de algoritmos para computá-la (p. 65), num empobrecimento que fica ainda mais evidente se contrastado, ainda como ilustração, com um rico estudo histórico onde a produção de coerências múltiplas entre conhecimentos diversos tem um papel central na narrativa, como a descrição de Bates (1998a e 1998b) sobre a batalha travada por Harvey pela aceitação de suas idéias sobre circulação.

Thagard parece supor que “social” significa apenas o adjetivo que caracteriza qualquer conjunto de pessoas, no caso cientistas – a idéia de relações de poder ou processos de negociação é amplamente ignorada. Numa passagem particularmente problemática, as fontes de financiamento da pesquisa específica são simplesmente listadas (p. 93-94), sem que ao menos se levante a possibilidade de o jogo de interesses econômicos influenciar, senão o resultado de pesquisas, ao menos a difusão de suas conclusões.

Nunca é demais lembrar que numa situação tal como a descrita, onde novos usos terapêuticos são propostos para drogas já no mercado, a pressão da indústria farmacêutica para a difusão de novos protocolos é considerável, dada a possibilidade de colher ganhos adicionais sem necessidade de investir na produção de novos fármacos. A possibilidade de que tal determinação econômica tenha desempenhado qualquer papel, por mais insignificante que

seja, na rápida generalização do consenso sobre o *Helicobacter*, não é sequer aventada no livro.

Nessa obra, Thagard tem uma estranha tendência a assumir, como dados, determinados aspectos do fenômeno que estuda, e reduzi-los a esquemas excessivamente simplificados. Esse esquematismo também comparece nas referências à epidemiologia, resumida a um único livro citado pelo autor e na sua análise sobre o já citado painel de consenso, onde a própria lógica que deu origem a esse procedimento não é abordada. Por exemplo, o papel que a indústria legal do *malpractice suit* pode ter desempenhado na adoção dos painéis pela corporação médica nos Estados Unidos não é sequer hipotetizado.

A dificuldade fica mais clara ao se considerarem duas omissões gritantes desse trabalho. Em primeiro lugar, não há no livro uma única referência ao fato de que, ao se lidar com a medicina, se está trabalhando com lugares institucionais de produção e utilização de conhecimentos bastante distintos, com corpos profissionais específicos (médicos e cientistas, raramente combinados nos mesmos indivíduos). Isto tem implicações diretas para o tema central da obra – há circulações assimétricas de idéias entre laboratórios e locais de prática clínica. Embora caiba aos cientistas a produção do conhecimento, o cientista que inova tem que convencer não apenas seus pares sobre a correção de seus enunciados, mas convencer com eles os médicos, que os transformarão em ações concretas. Mesmo que se restrinja ao aspecto cognitivo deste processo, há aí um leque de variações que não é explorado, uma vez que este fato elementar do campo não é registrado.

Em segundo lugar, e mais grave ainda, o conceito de **doença** propriamente dito não é apresentado ou discutido. Singelamente, Thagard chega a atrelar à (omitida) definição de doença o que chama de “realismo médico”, a idéia de que “(...) doenças e suas causas são reais e a investigação científica pode adquirir conhecimento sobre elas” (p. 81)<sup>3</sup>.

Poderíamos citar aqui, em contraposição, o trabalho de Fleck (1979), que mostra o processo de construção da sífilis como categoria diagnóstica, ou mesmo um texto clássico de epidemiologia (McMahon e Pugh, 1970), sobre o caráter convencional das categorias diagnósticas – no caso específico, da tuberculose. Mas antes que se pudesse iniciar qualquer debate, seria necessário dispor de uma definição, ainda que operacional, do termo **doença** – e desta responsabilidade o autor omitiu-se. Não há o que comentar, aqui, além da sensação de estranheza que causa essa ausência, ao ler um livro que tem por título *Como cientistas explicam a doença*.

## Referências Bibliográficas

- BATES, D. Closing the circle: how Harvey and his contemporaries played the game of truth. Part 1. *Hist Sci*, v.36, p. 213-232, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Closing the circle: how Harvey and his contemporaries played the game of truth. Part 2. *Hist Sci*, v.36, p. 245-267, 1998b.
- FLECK, L. *The genesis and development of a scientific fact*. Chicago: The Chicago University Press, 1979.
- LABINGER, J. A.; COLLINS, H. *The one culture?* Chicago: The University of Chicago Press, 2001.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. New York: Basic Books, 1999.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- \_\_\_\_\_; WOOLGAR. *A vida de laboratório*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Pandora's hope*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- MACMAHON, B.; PUGH, T. F. *Epidemiology: principles and methods*. Boston: Little, Brown & Co., 1970.
- PICKERING, A. (Ed.). *Science as practice and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- THAGARD, P. *How scientists explain disease*. Princeton: Princeton University Press, 1999. 263 p.

## NOTAS

- 1 Professor Adjunto do Departamento de Políticas e Instituições de Saúde do Instituto de Medicina Social da UERJ.
- 2 "(...) as if all that mattered to the process of scientific development were the social relations of scientists and the papers they shuffle around".
- 3 "(...) diseases and their causes are real and that scientific investigation can gain knowledge of them".